



Aproximações entre a agroecologia e o debate do Antropoceno/ Capitaloceno/ Plantationoceno

Approximations between agroecology and the debate on the Anthropocene / Capitalocene / Plantationocene

AZEVEDO PRADO, Bruno¹

¹ AS-PTA, CPDA/UFRRJ, brnoprado@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Crise ecológica e mudança climática: resistências e impactos na agricultura, nas águas e nos bens comuns

Resumo: O termo “Antropoceno” busca descrever como o impacto das atividades humanas sobre os ecossistemas globais avançaram sobre os ciclos biogeoquímicos e passaram a deixar uma “assinatura geológica” na Terra. Leituras críticas apontaram para a formulação de outros conceitos correlatos como Capitaloceno e Plantationoceno, dentre outros. O trabalho busca mapear tais referências e aproximar temas de debate da agroecologia à discussão instaurada pelo Antropoceno / Capitaloceno / Plantationoceno como chaves de diagnóstico e chamados à ação política, baseados na crítica e resistência a projetos neoextrativistas e na apresentação de propostas com base em sistemas agroalimentares sustentáveis. Entende-se que a agroecologia, enquanto ciência, prática e movimento, pode também influenciar e se engajar na discussão na medida em que diversos dos temas mobilizados são objeto de reflexões político-epistemológicas derivadas de seu campo. Tais debates motivados pela emergência climática se configuram, portanto, como um campo fértil de diálogo para a agroecologia se posicionar frente às lutas por justiça social, ecológica e climática.

Palavras-chave: emergência climática; sistemas agroalimentares; sustentabilidade.

Introdução

O trabalho busca aproximar temas de debate da agroecologia à discussão instaurada pelo Antropoceno, entendido como uma chave de diagnóstico e chamado à ação política, ainda que sujeito a um conjunto de críticas que permitiram a elaboração de novos termos como o Capitaloceno e o Plantationoceno. Tal discussão tem sido cada vez mais frequente nos últimos vinte anos no mundo das artes, da filosofia e das humanidades. Entende-se que a articulação de temas do debate agroecológico a este campo de leitura e diagnóstico pode contribuir teórica e praticamente em novos campos de ação que permitem a análise crítica de propostas distintas para a transição socioecológica preconizada pela agroecologia.

A emergência de termos como o “Antropoceno”, o “Capitaloceno”, o “Plantationoceno”, “a grande aceleração”, “os limites planetários”, entre outros, permeiam hoje as discussões sobre as mudanças climáticas no campo das ciências naturais, sociais e humanas. Trata-se de um conjunto de noções desenvolvidas em diferentes âmbitos para se referir ao período em que a atividade humana se torna uma força ambiental dominante no planeta.



É neste cenário que este trabalho busca iniciar aproximações e conexões entre sistemas alimentares baseados na agroecologia e a crise climática. Trata-se, então, como afirma Marsden (2014), de examinar questões derivadas das crises de sustentabilidade que afetam a produção, a distribuição e consumo de alimentos dentro do enquadramento mais amplo do desenvolvimento capitalista global, reconhecendo o valor heurístico do estudo dos sistemas alimentares para a compreensão de formulações mais amplas e profundas acerca das crises ambiental e ecológica.

Metodologia

O trabalho se baseia em uma revisão de categorias e conceitos elaborados no campo das ciências humanas e filosofia a partir de análises críticas das propostas que visam descrever como o impacto das atividades humanas sobre os ecossistemas globais avançaram para os ciclos biogeoquímicos e passaram a deixar uma “assinatura geológica”. A este trabalho bibliográfico se segue a elaboração de algumas aproximações a temas da agroecologia e suas propostas para sistemas agroalimentares sustentáveis com o objetivo de propor interseções entre ambos os campos.

Nesse sentido, o trabalho se articula a uma pesquisa maior, sendo realizada no âmbito de um curso de doutorado, baseada no mapeamento e estabelecimento do corpus para análise que permitirá propor um recorte temático como procedimento metodológico. O recorte é estabelecido de acordo com casos, propostas, soluções, que dialoguem diretamente com questões de sustentabilidade socioambiental e mudanças climáticas com efeito sobre a produção, a distribuição e o consumo de alimentos.

Para efeitos do presente trabalho, a aproximação entre conceitos com referências a casos emblemáticos da proposta agroecológica busca suscitar uma reflexão político-epistemológica que permite debater impactos socioambientais e econômicos da emergência climática, fortalecer processos de resistência e uma agenda de ação que implica em compreender como os atores têm organizado múltiplas respostas à crise em curso, mobilizando distintas perspectivas sobre natureza, sociedade e a constituição ‘escalar’ de suas práticas.

Resultados e Discussão

O termo “Antropoceno” foi proposto pelo químico Paul Crutzen e pelo biólogo Eugene Stoermer, no início do século 21, para descrever como o impacto das atividades humanas sobre os ecossistemas globais haviam avançado para os ciclos biogeoquímicos e passaram a deixar uma “assinatura geológica”. O emprego do termo no mundo das artes, da filosofia e das humanidades tem sido cada vez mais frequente em períodos recentes. Danowski e Viveiros de Castro (2014) traçam uma genealogia do termo apresentando a noção de Antropoceno como um conceito



analítico utilizado numa escala global, além de também problematizar, a partir da filosofia e antropologia, o recurso a categorias como o humano, o homem, o mundo, que permitem a formulação das distintas noções acima mencionadas. O impacto do termo na produção científica é notável, mas ainda se notam tratamentos desiguais e concepções muito diversas quando se busca entender a relação entre o Antropoceno e os debates sobre a sustentabilidade dos sistemas alimentares.

Seguindo o consenso científico já estabelecido de que a ação das sociedades humanas e as emissões de gases do tipo efeito estufa delas decorrentes são a causa principal das mutações climáticas em curso na Terra (Cook et al., 2018), entendemos que a emergência desta crise implica também a necessidade de buscar ferramentas analíticas adequadas que permitam evidenciar a sua articulação com o tema da sustentabilidade na agricultura e alimentação.

Entende-se como inovadora a proposta de colocar em discussão as implicações das mudanças epistemológicas exigidas pela crise climática, diferentemente do emprego das discussões sobre mudanças climáticas como o contexto, pano de fundo ou risco e ameaça externa aos sistemas alimentares. Como sustentam Danowski e Viveiros de Castro (2015), as mudanças climáticas colocam em questionamento, para não dizer em desmoronamento, um conjunto de dualidades fundantes das ciências sociais e mesmo da nossa percepção do mundo: sujeito e objeto, cultura e natureza, espécies e planeta etc.: “Em uma inversão [...] da forma e do fundo, o ambientado se torna o ambiente (o “ambientante”) e reciprocamente: crise, com efeito, de um cada vez mais ambíguo ambiente, que não mais sabemos onde está em relação a nós, nem nós em relação a ele” (p.26). Não é de surpreender que essa profunda mutação da forma com que nos relacionamos com o mundo ou essa instabilidade que causa deslocamentos nas relações entre natureza e sociedade (Latour, 2020) traga a necessidade de revisar as lentes analíticas com que lemos os sistemas alimentares.

Ainda que o Antropoceno possa servir como uma entrada importante para essas revisões e inovações analíticas, o termo não foi recebido sem críticas ou contestações nos últimos anos. Pode-se situar o esforço empreendido na tradição marxista das ciências sociais por Malm e Hornbrog (2014) de desenvolver a noção de capitaloceno sob essa rubrica de outras narrativas acerca da emergência climática. Para os autores, a narrativa do Antropoceno apresenta barreiras para a organização de ação política concertada na medida em que se refere a uma visão muito cosmopolita e universalizante. Ela seria, portanto, não somente analiticamente imperfeita, ao tomar a espécie humana como categoria central que ascende ao poder sobre o Sistema-Terra, como também prejudicial à ação política, na medida em que a ‘economia fóssil’ não foi criada nem é sustentada pela humanidade como um todo. Central aqui é que os autores reivindicam que teorizações acerca do poder e da dinâmica capitalista sejam o foco do debate e, nisso, seguem outro formulador importante do conceito de capitaloceno, o historiador Jason Moore (2015). Para isso, argumentam que, ainda que a distinção iluminista entre os domínios da Natureza e Sociedade seja de fato hoje cada vez desprovida de sentido mediante a



inextricável “mistura física” entre a natureza e a sociedade humana, sua distinção analítica não deveria ser abandonada. O debate do capitaloceno busca fornecer um lugar para questões como a divisão internacional do trabalho, a distribuição desigual de riquezas e as dinâmicas capitalistas não abarcadas pelo marco interpretativo das *hard sciences*.

No campo dos estudos sobre mudança agrária em articulação com o Antropoceno, destaca-se a proposição de Reisman e Fairbairn (2020) de examinar os históricos e teorias da mudança agrária pelas lentes do Antropoceno. As autoras defendem, por um lado, que a onipresença da agricultura na contemporaneidade – seja como produtora de fibras, combustível, alimentos ou fármacos – e seus impactos no meio ambiente reforçam seu papel de evidência para o debate do Antropoceno. Ao revisarem críticas ao conceito de Antropoceno – na medida em que este pode naturalizar e despolitizar crises ecológicas, normalizar narrativas de controle como progresso, institucionalizar o domínio e centralidade humana, reificar uma falsa divisão entre humanos e o mundo biofísico – as autoras aproximam a questão central dos estudos de mudança agrária como fundamentais para uma crítica ao conceito. Este campo de estudos tem justamente como objeto questionar o papel das relações desiguais de poder na produção da mudança ambiental, desafiar as narrativas modernas de domínio humano sobre a natureza e problematizar a divisão entre humanos e o mundo do qual somos parte, agendas muito próximas às leituras críticas formuladas pelo campo agroecológico sobre o sistema agroalimentar convencional.

O sistema alimentar, portanto, pode ser tomado como foco para leituras críticas do conceito de Antropoceno, o que se espera aprofundar com estas aproximações iniciais. Entende-se aqui, como Svampa (2019: 43), que o Antropoceno é um campo de disputa e, como diagnóstico, “abre portas, constrói laços, desafia-nos a iniciar em uma conversa, a pensar em questões socioecológicas a partir de uma perspectiva mais ampla em termos de contextos disciplinares, mesmo tradições teóricas, entre as ciências da terra e as ciências humanas e sociais”. É com vistas a este necessário reordenamento analítico que o campo agroecológico pode contribuir na articulação entre estes campos de debate, entendendo que a produção sustentável de alimentos precisa operar dentro de limites seguros em uma condição planetária distinta, cujos efeitos já estão em curso, mas cujas contradições têm sido pouco exploradas.

As perspectivas do Antropoceno e Capitaloceno podem sugerir debates importantes em torno aos sistemas agroalimentares propostos pela agroecologia, chamando atenção para as divisões natureza e sociedade, aos diferentes regimes de produção de conhecimento presentes na construção da agroecologia como ciência, e nas lutas de resistência nos territórios contra projetos que leem acriticamente as chamadas transições justas em curso. Por outro lado, diversas críticas também chamam atenção, no caso do primeiro, ao tratamento indiferenciado do conjunto dos humanos e das desigualdades de poder (que o Capitaloceno com sua leitura da ecologia-mundo pretende responder). Também em relação ao Antropoceno, pode-se



criticar discurso demasiado intelectual, tecnocrático, gerencial-administrativo e modernizador (Haraway, 2016), cujos contornos também têm sido enfrentados pela perspectiva crítica da agroecologia em lutas de resistência à mineração, a grandes empreendimentos de “energia limpa” sem participação de populações camponesas impactadas, e ao agronegócio.

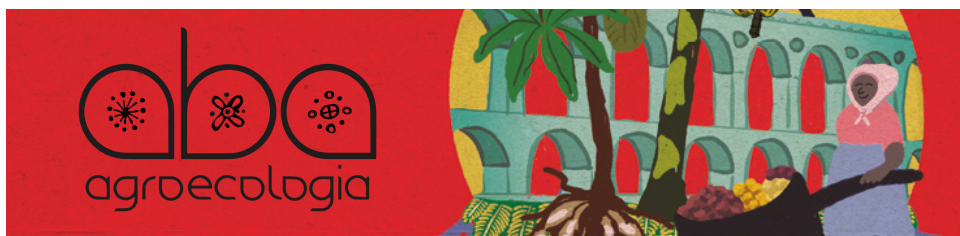
Uma última perspectiva aqui referida é aquela chamada de Plantationoceno. Trata-se, como elaboram Chao et al. (2023), de uma lente analítica para interrogar a permanência das plantations como imaginário da forma ideal de produção, paisagem e gestão da mão de obra na agricultura. As plantations se caracterizam pelos empreendimentos extrativos, de grande escala, baseados na monocultura, que produzem matérias primas para exportação e que são largamente dependentes de relações de produção sustentadas por séculos de trabalho escravizado e pobreza sistêmica. Segundo o conjunto de autores, o Plantationoceno pode atuar como uma chave de leitura para interpretar histórias do desenvolvimento local e global e para o entendimento da lógica das plantations contemporaneamente. Trata-se, portanto, de mais um campo fecundo de afinidades às leituras provenientes da agroecologia em relação à crítica da modernização da agricultura e à Revolução Verde.

Conclusões

O trabalho buscou mapear possíveis aproximações entre campos de pensamento e ação pautados pelos conceitos de Antropoceno, Capitaloceno e Plantationoceno com os debates presentes no campo agroecológico em torno da produção de respostas à confluência de crises no sistema agroalimentar e em torno às resistências presentes nos territórios. Por estarem cada vez mais presentes no debate público – note-se que em meados de julho de 2023 o grupo de geólogos responsável pela demarcação do Antropoceno como época que se sucede ao Holoceno já anunciou uma possível evidência geológica representada por um lago canadense como início da nova época – os debates em torno do Antropoceno podem ser um campo fértil de diálogo para a agroecologia se posicionar frente às lutas por justiça ecológica e climática. Os conceitos aqui revisados seguem em debate, principalmente a partir de leituras críticas que apontam para caminhos de ação política. A agroecologia, enquanto ciência, prática e movimento, pode também influenciar e se engajar na discussão na medida em que diversos dos temas tratados são objeto de reflexões político-epistemológicas derivadas da agroecologia.

Referências bibliográficas

CHAO, Sophie; WOLFORD, Wendy; OFSTEHAGE, Andrew; GUTTAL, Shalmali; GONÇALVES, Euclides; AYALA, Fernanda. The Plantationocene as analytical concept: a forum for dialogue and reflection. **The Journal of Peasant Studies**, DOI: 10.1080/03066150.2023.2228212, pp. 1-23, 2023.



COOK, John; van der LINDEN, Sander; MAIBACH, Edward; LEWANDOWSKY, Stephan. (2018). **Manual do Consenso**. Disponível em https://www.climatechangecommunication.org/wp-content/uploads/2020/07/Consensus_Handbook_Portuguese_A4.pdf Acesso em: 01 ago. 2020.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie / Instituto Socioambiental, 2014.

HARAWAY, Donna. **Staying with the trouble**: making kin in the Chthulucene. Duke University Press, 2016.

MALM, Andreas; HORNBOG, Alf. 'The geology of mankind'? A critique of the Anthropocene narrative. **The Anthropocene Review**, vol. 1, n. 1, pp. 62–69, 2014.

MARSDEN, Terry. Building the food sustainability paradigm: research needs, complexities, opportunities. In: MARSDEN, T.; MORLEY, A. (Eds.). **Sustainable food systems**: building a new paradigm. Oxon/Nova York: Routledge, 2014. pp. 206-221.

MOORE, Jason W. **Capitalism and the web of life**: ecology and the accumulation of capital. London: Verso, 2015.

REISMAN, Emily; FAIRBAIRN, Madeleine. Agri-Food Systems and the Anthropocene. **Annals of the American Association of Geographers**, vol. 0, p. 1-11, 2020.

SVAMPA, Maristella. El antropoceno como diagnóstico y paradigma. Lecturas globales desde el sur. **Utopía y praxis latinoamericana**, vol. 24, no. 84, p. 33-54, 2019.